



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/desenhos-da-escrita>

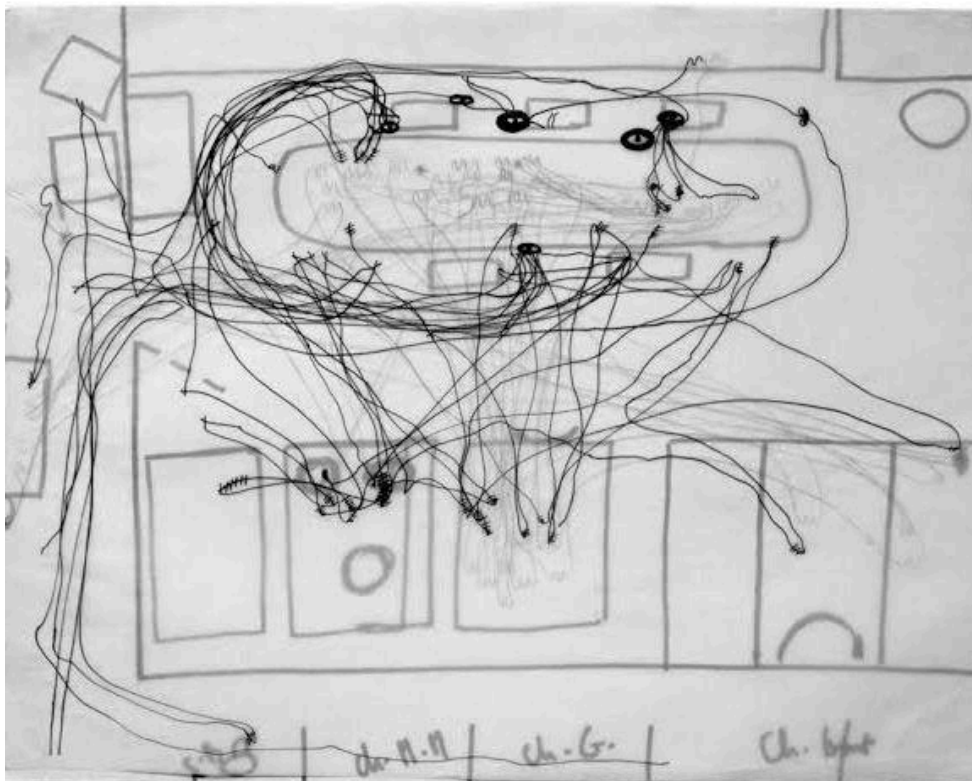
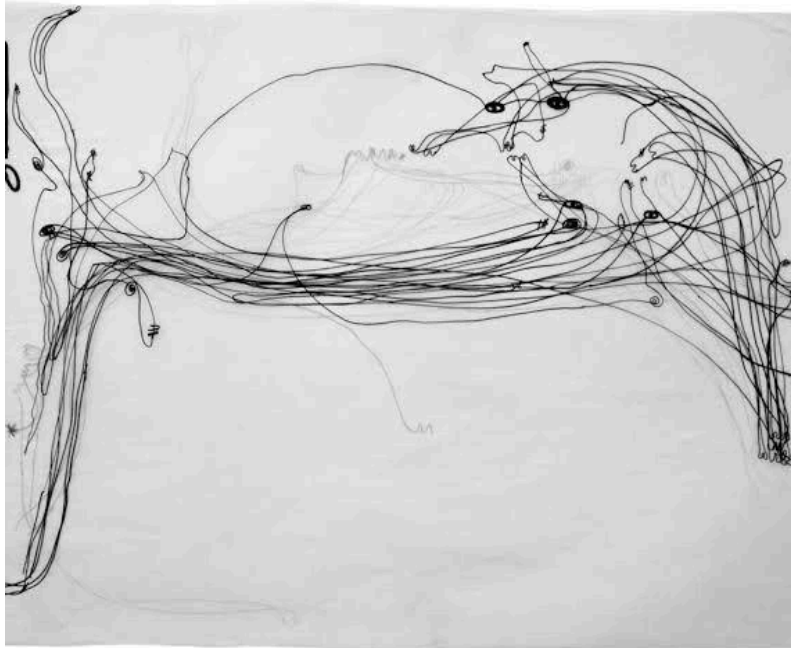
Os desenhos da escrita

Daniela Feriani[1]

Palavras-círculos. Palavras-espirais. Palavras que desabam. Palavras que desaparecem. Palavras que deliram. Quando não é para ser decifrada, quando deixa de ser um código semântico, o que a escrita se torna?

Durante décadas de convívio com crianças autistas não verbais, o educador francês Fernand Deligny e colaboradores aboliram a linguagem verbal de suas interações. Tal acontecimento não advinha de um método científico ou terapêutico, mas vinha da experiência de “estar em estado de presença” a crianças autistas e de um profundo desconfiar da linguagem. Tal experiência os levaram a fazer um deslocamento do lugar de seres falantes, a se apoiar no corpo e a experimentar um estado de “para nada” altamente desestruturante para “nós”, seres linguísticos, funcionais e de sentido.

Emerge, dessa experiência sensível, o método do traçar. Em 1969, mapas com os deslocamentos espaciais das crianças autistas começam a ser traçados nas comunidades de convívio. Eis uma abordagem não pela palavra, ausente naquelas crianças autistas, mas através de algo primordial: os movimentos (Deligny, 2015). Desenha-se, assim, as “linhas de errância”: um perambular livre, sem um propósito pré-definido, que desestabiliza a funcionalidade e o pragmatismo em que estamos acostumados a submeter o nosso fazer/deslocar.



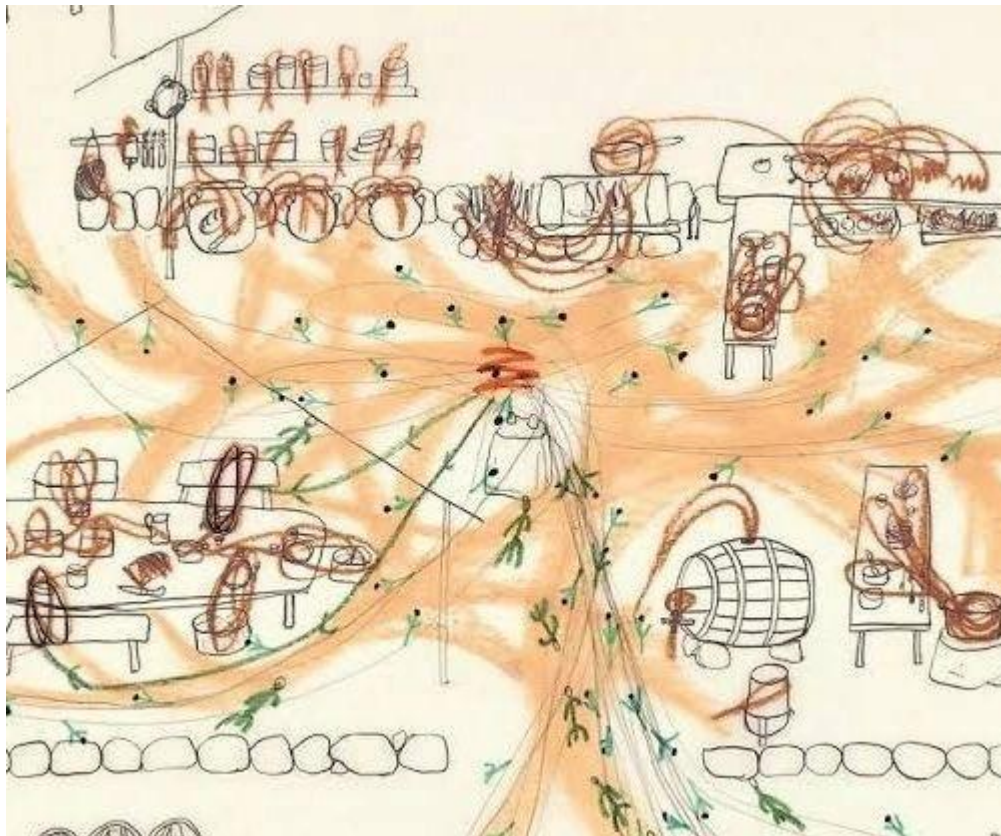
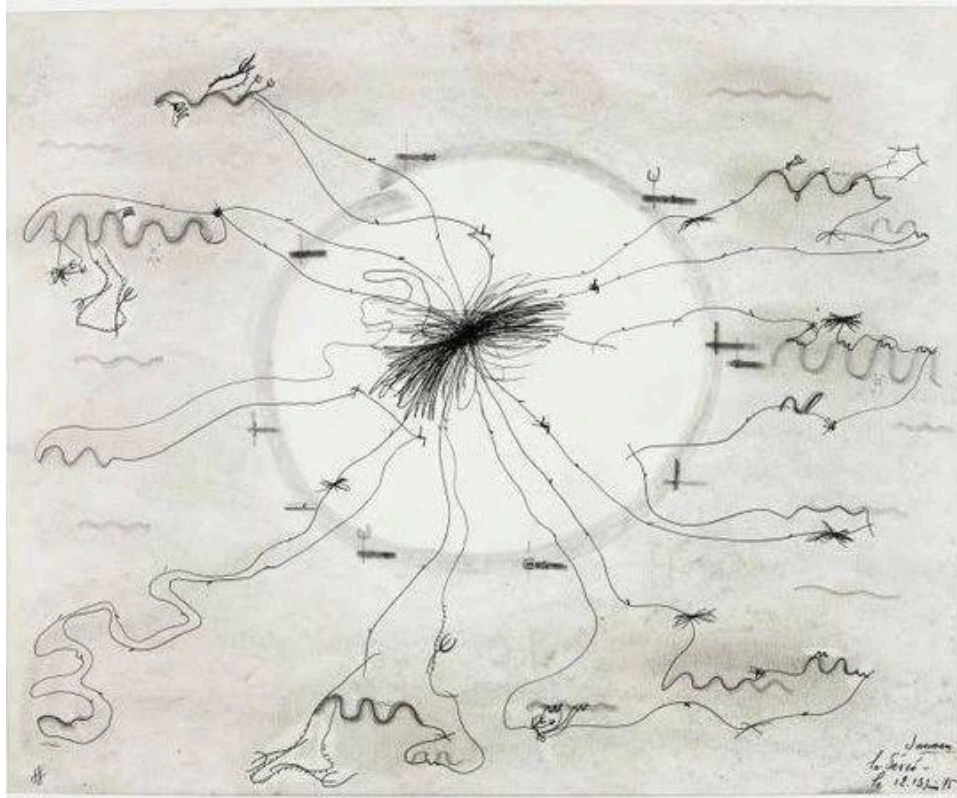




FIG. 01 – 04 – Mapas de Fernand Deligny e colaboradores.

Janmari foi um autista não verbal que viveu por 35 anos numa comunidade criada pelo educador Fernand Deligny. Gisele Durand, uma das colaboradoras, propõe a Janmari traçar, oferecendo-lhe grafite e papel. As mãos de Janmari fazem círculos em linhas retas, uns após os outros, o que se tornaria o *Journal de Janmari*. Seu diário são traços de uma existência esquiva da linguagem verbal.

O xamã yanomami Davi Kopenawa (2015) chama as páginas escritas de “peles de imagens”. Escrever é desenhar traços, pontos ou sinusoides; a escrita é um “desenho de palavras”. O antropólogo Tim Ingold (2022) mostra como a escrita nasceu do desenho – só depois, com a modernidade, houve essa divisão em sociedades ocidentais. As marcas das pegadas dos pássaros foram consideradas a primeira forma de escrita. Escrever era um modo de estar atento ao entorno: os rastros dos animais, as folhas caindo das árvores, as lascas da madeira abertas pelo machado. Rasuras, ranhuras, rabiscos são a forma primordial de escrita.



FIG. 05 e 06 – O diário de Janmari.



Voltemos ao diário de Janmari. Percebemos as linhas retas, as margens, o enquadramento da página. A forma é reconhecida. Mas o que quer dizer aquela escrita de círculos? “O que quer dizer” é um projeto altamente linguístico, com expectativas significantes. O sentido dos círculos está no próprio gesto, criado pela interação com Gisele. A linguagem se afasta da sintaxe em direção à imagem, ao gesto.

“Rabiscar no ar” é o movimento que o antropólogo Michael Taussig (2011) sugere que não percamos com/na escrita. Vitória, ao contar o processo de escrita sobre sua experiência autista, diz que rascunha sua vida; ela precisa de uma escrita visual para as coisas que vão acontecer[2]. Christine Bryden (2012), com doença de Alzheimer, frequentemente faz pequenos desenhos no ar quando as palavras falham. É antes o corpo que escreve – a escrita como gesto e experiência.

A designer Rita Maldonado Branco, ao conviver com os avós diagnosticados com doença de Alzheimer, produziu um livro com pedaços faltando, personagens que vão sendo apagados, que se repetem inúmeras vezes e nunca finalizam, seja uma frase ou uma atividade. “São metáforas da doença. Tentei pensar em como seria um livro com falta de memória”[3].



FIG. 07 – O “livro com falta de memória”, de Rita Maldonado Branco.

Em autobiografias de pessoas com demência, frases são repetidas, não se concluem, pulam de um assunto a outro. “Li recentemente que quem tem Alzheimer consegue de vez em quando organizar os pensamentos, e de vez em quando consegue... opa, esqueci o que ia dizer” (Lee, 2003). “Acabei de ter uma ideia brilhante, mas antes que pudesse acionar o pequeno mecanismo de gravação, ela desapareceu completamente” (Henderson, 1998).

As lacunas de partes de um livro ou as lacunas das palavras que desaparecem misteriosamente, cutucando a imaginação a ponto de buscar o que não existe, levam-nos a multiplicar versões e biografias como maneiras de criar mundos. “Palavras não apenas descrevem meu mundo, elas criam meu mundo”, diz Robert Taylor (2005), que tem doença de Alzheimer. Para dar conta de uma experiência de lapsos e desmoronamentos, é preciso fazer da própria escrita uma ruína, algo que está no limiar entre o que desapareceu, o que restou e o que se cria a partir desse encontro.



Quando a escritora argentina Sylvia Molloy (2022) se propõe a narrar o processo de transformação da amiga pela demência, ela percebe o dilema, o paradoxo da escrita. “Ao escrevê-la, fico tentada a fazê-lo como ela era antes, concretamente, quando a conheci, a recompô-la em seu momento de maior força, e não em sua derrocada. Mas não se trata disso, digo a mim mesma, não se trata disso: não escrevo para remendar buracos e fazer crer a alguém (a mim mesma) que não houve nada, mas para atestar incoerências, hiatos, silêncios.”

Não remendar os buracos, mas escrever com/através dos buracos. Pois “é através das palavras, entre as palavras, que se vê e se ouve. Beckett falava em 'perfurar buracos' na linguagem para ver ou ouvir 'o que está escondido atrás'” (Deleuze, 2011: 09).

O filósofo Gilles Deleuze (1992) defende a linguagem como desequilíbrio heterogêneo, o qual prescindir de significante. A pergunta “o que isso quer dizer?” não quer dizer nada; o significante é um tirano que nos impede de ver o que realmente importa: como as coisas funcionam? É preciso, pois, fazer a palavra regurgitar o sentido (Deligny, 2007).

“Eu faço a língua evoluir. É preciso sacudir todas essas velhas formas” (Lacan, 1931). Foi assim que Marcelle C., de 34 anos, respondeu quando interrogada sobre o sentido de seus escritos, tomados, pelos médicos, como delirantes, e, por ela, como inspirações.

Em seus diários, o ensaísta Walter Benjamin, sob efeito de haxixe, desenha palavras-espírais, e o historiador de arte Aby Warburg, quando ficou internado com sintomas de esquizofrenia, faz uma “escrita que desaba”. Para o filósofo Georges Didi-Huberman (2013: 322), a escrita, aqui, é “uma espécie de fluxo indecifrável, uma tempestade de palavras, uma tormenta”, “um rendilhado inextricável”, uma “destruição pela loucura”, mas também uma “construção pela loucura”. O delírio se torna um “estilo estético”.

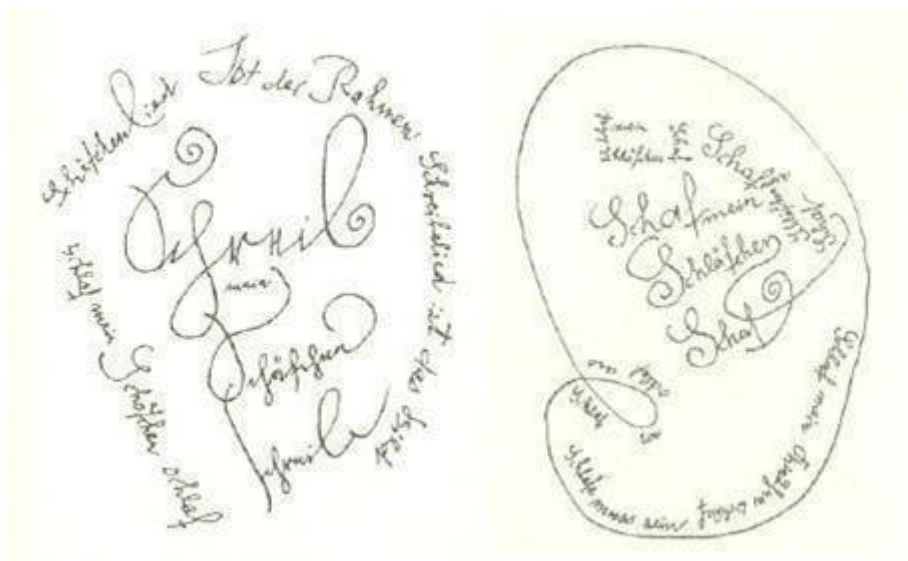
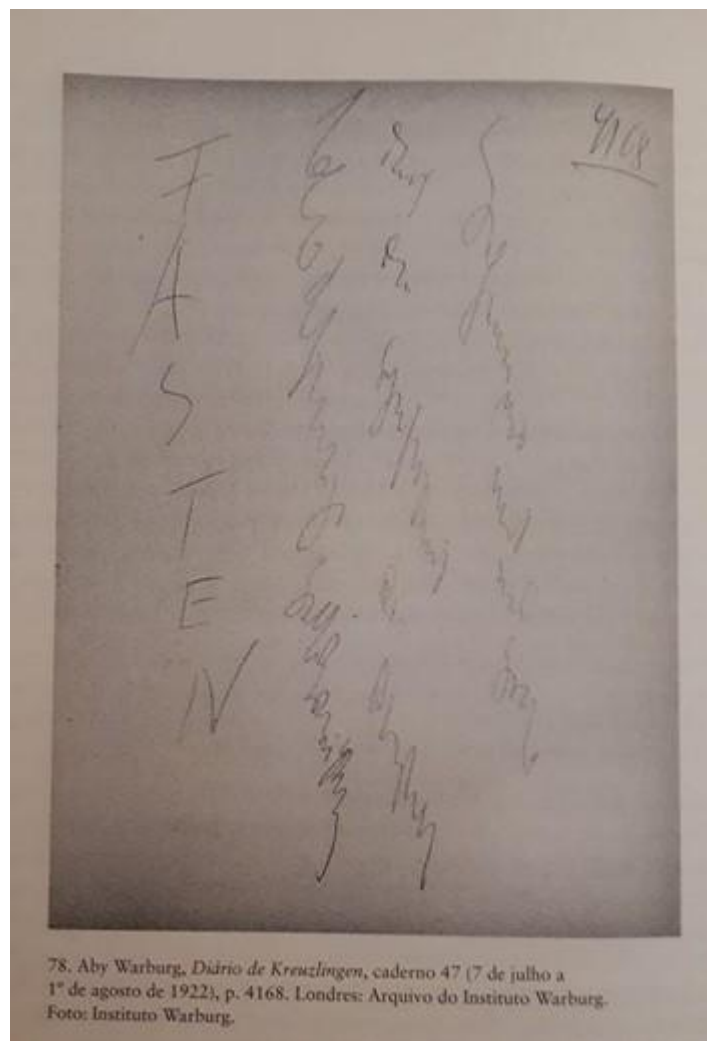


FIG. 08 – Palavras-espiais de Walter Benjamin.



78. Aby Warburg, *Diário de Kreszlingen*, caderno 47 (7 de julho a 1º de agosto de 1922), p. 4168. Londres: Arquivo do Instituto Warburg. Foto: Instituto Warburg.



FIG. 09 – A escrita que desaba, de Aby Warburg.

O que pode a palavra quando se desloca de um referente, sacode a sintaxe, torce as convenções linguísticas? É possível perceber similaridades onde se menos espera através de correspondências não óbvias, inusitadas. “A natureza é vodka”; “O trator anda que nem casa”; “O rio tá cabeçudo”; “Pra vir é fácil, pra ir embora é que são elas... e araras”, como ouvi de pessoas com demência. Quando não é para ser decifrada ou interpretada, o que a linguagem se torna?

Palavras inventadas, palavras que caem, palavras-espírais, palavras delirantes: tudo isso nos obriga a desativar os códigos semânticos e acionar outros acessos. É como se precisássemos aprender a “ler o que nunca foi escrito”, na proposta de Didi-Huberman (2018). Diante de situações como essas, podemos não traduzir sentido algum. “Não procuraremos pelo sentido. O acontecimento é o sentido”, diz Gilles Deleuze (2015, p. 23).

Essas palavras não são para serem compreendidas, mas servem para expressar uma experiência, acompanhar um gesto. O que está em jogo – entre erros, titubeios, adivinhações – é o valor testemunhal: a confusão, a estranheza, a invenção nos dizem sobre uma experiência. E não se deve retocar a fala de uma testemunha (Didi-Huberman, 2003). Ao invés de limpar, deixemos as incoerências, os lapsos, as lacunas. Aprendemos com eles a levar a linguagem para outros lugares – a linguagem como ato, acontecimento, encontro, presença.

“As letras neste caderno dão voltas e retornam. Este é o meu mundo afinal”. Catarina, moradora de rua e interna em hospitais psiquiátricos, escreveu 21 cadernos. Um mar de palavras, com referências a todo tipo de doença, lugares e papéis sociais que ela já não habitava, e pessoas que um dia havia conhecido.

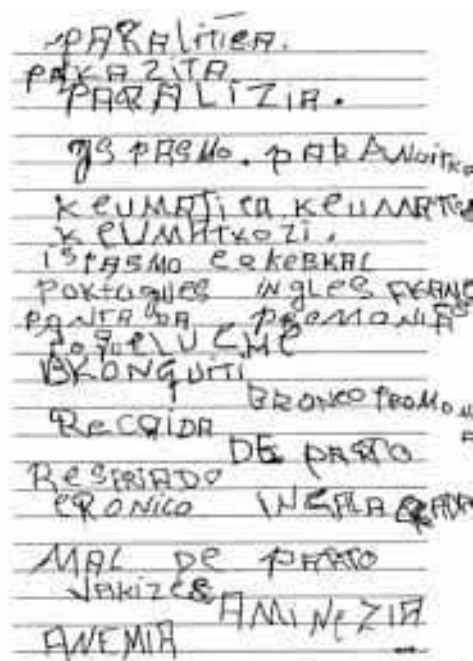


FIG. 10 – Dicionário de Catarina.

"Divórcio, dicionário, disciplina, diagnóstico, casamento grátis, casamento pago, operação, realidade, fazer injeção, pegar espasmo, no corpo, espasmo cerebral". Para João Biehl (2008: 419), antropólogo que dedicou décadas a ouvi-la, "as suas palavras, aparentemente dissociadas, eram, de certo modo, uma extensão da figura abjeta que Catarina havia se tornado na vida doméstica, na medicina e no país".

Tomadas pelos especialistas como sinal de demência, as palavras de Catarina eram testemunhas de sua realidade, incorporando as suas experiências de fraturas e dor, numa luta por conexão, por sobreviver ao impossível. Para Biehl (2008: 419), "a fala e a escrita da Catarina condensavam o que o seu mundo havia se tornado – um mundo desorganizado, confuso, cheio de novas verdades e de nós que ela não conseguia desfazer, ainda que desesperadamente quisesse entender o que se passava, pois "se a gente não entender, a doença no corpo piora". Para o antropólogo, "suas palavras não me pareciam vir de um outro mundo. Pelo contrário, carregavam a força da literalidade. (...) Escrever ajudava Catarina a trazer à tona o melhor de si mesma e tornar suportável tudo o que passou e passa".

Biehl perguntou por que ela chamava seu caderno de dicionário. "Porque não requer nada de mim. Se fosse matemática, teria de encontrar uma solução. Aqui tudo é uma coisa só, do começo ao fim... Ninguém vai decifrar as palavras pra mim. Com a caneta, eu posso fazer isso".



"Que tipo de subjetividade é possível quando não se é mais marcado pela dinâmica do reconhecimento e pela temporalidade? Quais são os limites do pensamento humano que Catarina continuava expandindo?", pergunta Biehl (2008: 418) – uma pergunta fundamental em relação ao que fazem pessoas com deficiência quando nos mostram os vários mundos, linguagens, escritas e mentes possíveis.

Bibliografia:

BIEHL, J. Antropologia do devir: psicofármacos – abandono social – desejo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol. 51, n. 02, 2008.

BRYDEN, C. *Who will I be when I die?* Londres: Jessica Kingsley Publishers, 2012.

DELEUZE, G. A literatura e a vida. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELIGNY, Fernand. *Oeuvres*, 2007.

DIDI-HUBERMAN, G. *Imagens apesar de tudo*. Portugal: KKYM, 2012.

DIDI-HUBERMAN, G. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DIDI-HUBERMAN, G. *Atlas ou o Gaio saber inquieto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

HENDERSON, C. *Partial view – an Alzheimer's journal*. Dallas: Southern Methodist University Press, 1998.

INGOLD, Tim. *Linhas: uma breve história*. São Paulo: Editora Vozes, 2022.

KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. *A queda do céu – palavras de um xamã yanomami*.

LACAN, Jacques. "Escritos "inspirados": esquizografia", 1931.

LEE, J. L. *Just love me: my life turned upside-down by Alzheimer's*. Estados Unidos: Purdue University Press, 2003.

MOLLOY, Sylvia. *Desarticulações*. São Paulo: Editora 34, 2022.

TAUSSIG, M. *I swear I saw this: Drawings in Fieldwork Notebooks, Namely My Own*. Chicago: University Press, 2011.



TAYLOR, R. *Alzheimer's from the Inside Out*. Baltimore, London, Sydney: HPP, 2007.

[1] Antropóloga formada pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Atualmente, é bolsista de Jornalismo Científico (Mídia Ciência) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, com o projeto “A demência como outro mundo possível: ações de divulgação científica” [2024/05623-0].

Email: danielaferiani@yahoo.com.br

[2] No evento Visibilidade Autista, abril de 2020, organizado pelo Laboratório de Linguagem e Cognição (LabLinC), Universidade Federal de São Paulo.

[3] Em <http://p3.publico.pt/cultura/design/11807/rita-pos-o-design-ao-servico-dos-doentes-com-alzheimer>. Acesso em 04/05/2014.